

G-10 elogia ajuste brasileiro

Basiléia - Os presidentes dos bancos centrais do G-10, reunidos ontem na sede do Banco de Compensações Internacionais (BIS), consideraram positivo o esforço do governo do Brasil através das medidas de ajuste econômico, convencidos de que o programa anunciado deverá "contribuir para restaurar a confiança no País, superar as dificuldades atuais e reduzir as consequências do efeito contágio que se tem visto no último semestre". Esse foi o único comentário oficial feito após o encontro pelo presidente do G-10, o alemão Hans Tietmeyer, que também preside o Bundesbank. Segundo Tietmeyer, o caso brasileiro foi apenas um dos temas debatidos na reunião de domingo e de ontem.

Na véspera, os membros do grupo e os banqueiros privados assistiram a uma exposição de Gustavo Franco sobre as medidas adotadas pelo governo de Brasília, mas hoje o presidente do Banco Central brasileiro ficou de fora da reunião, mesmo estando presente na sede do BIS, em Basiléia.

Indagado se estava otimista em relação ao Brasil, o presidente do G-10 foi claro: "Todas as decisões não foram ainda adotadas, mas acreditamos que o pacote está na direção correta". Essa declaração, feita em nome do G-10, foi interpretada como um sinal verde dos países membros do G-10 que deve-

Arquivo



GUSTAVO FRANCO: silêncio

rão participar do plano de urgência de ajuda econômica ao Brasil, juntamente com o FMI e bancos privados. Suas declarações revelam também uma certa prudência na medida que lembra que nem todas as decisões foram adotadas, uma referência indireta ao fato de algumas medidas terem que ser submetidas a aprovação do Congresso Nacional.

Confiança

Tietmeyer confirmou que se estudou o conteúdo dos dois programas, o de ajuste fiscal brasileiro e o do plano de ajuda do FMI: "Acredito que ambos poderão contribuir para restaurar a confiança, permitindo que o Brasil possa superar suas dificuldades atuais". Ele foi categórico quando lhe perguntaram se havia sido feita alguma recomendação especial a Gustavo Franco: "Não. Não estamos fazendo

nenhuma recomendação".

Tietmeyer não quis comentar cifras, entre elas, o montante de 15 bilhões de dólares que poderia ser a parte da contribuição do G-10 no plano de ajuda que está para ser anunciado.

Ontem, na Basiléia, não se discutiu apenas o Brasil, mas também o Japão e outros aspectos da economia mundial. Segundo Hans Tietmeyer, depois dos recentes problemas dos meses de setembro e outubro, os mercados parecem caminhar para a estabilidade e se mostram bem mais calmos. Também os problemas de crédito estão desaparecendo, mas acrescentou: "Temos que ser muito cautelosos porque subsistem algumas fragilidades". Quanto a Gustavo Franco, manteve o silêncio que se impôs desde o início, sendo que sua única concessão foi para confirmar sua volta na noite de hoje ao Brasil. Ele explicou aos jornalistas que em outras circunstâncias poderá voltar a falar a imprensa.

Nas conversas informais à margem da reunião do BIS existe a convicção entre os banqueiros presentes a Basiléia que mesmo com a conjugação do plano do FMI e o programa de austeridade do governo de Brasília, que deverá evitar o pior, uma coisa é certa: o Brasil não poderá evitar o prosseguimento do processo de desaceleração de sua economia este ano e a recessão em 1999.